

O Discurso *clichê* sobre clima do Nordeste: análise de uma questão do vestibular da Unicamp

The cliché Discourse on the Northeastern climate: analysis of a question of the Unicamp selection

Livia Dias de Azevedo

Universidade Estadual de Campinas
liviadias2@gmail.com

Edson Roberto de Souza

Universidade Estadual de Campinas
fisedsonson@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta análise discursiva de uma questão da prova de Geografia do vestibular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que tem o clima da Região Nordeste do Brasil como tema central. Para tanto, utilizou-se os aportes fornecidos pelo referencial teórico da Análise de Discurso a partir de trabalhos de Pêcheux, Orlandi, Possenti, entre outros. Contribuíram para análise os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), um livro didático de Geografia e um texto didático disponibilizado em *website* da internet. A análise revelou que os sentidos produzidos sobre o clima do Nordeste não estabelecem tensões, contradições e discordâncias significativas com as textualizações investigadas, apesar de que a ideia estabilizada sobre o tema não ser condizente com a diversidade climática observada na Região Nordeste. Desse modo, o artigo revela que existem imagens clichês sobre o clima e a vegetação nordestina.

Palavras chave: Clima do Nordeste, Vestibular, Imagem, Análise do Discurso.

Abstract

This article presents discursive analysis of a Geography question of the selection test form the State University of Campinas (UNICAMP), which has the climate of the Northeast Region of Brazil as central issue. Therefore, we used the contributions provided by the theoretical framework of Discourse Analysis from the works of Pêcheux, Orlandi, Possenti, among others. The National Curricular Parameters (PCN'S), a Geography textbook and a didactic text available on website contributed to our analysis. The analysis revealed that the senses produced about the Northeastern climate do not establish significant tensions, contradictions and disagreements with the investigated textualizations, despite that the stabilized idea about the issue is not consistent with the climatic diversity observed in the Northeast Region. Thus, the article reveals that there are clichés images about the climate and vegetation of the Northeast.

Key words: Northeastern Climate, Selection, Image, Discourse Analysis.

Introdução

A Análise do Discurso (AD) se constitui importante possibilidade de leitura do mundo. Segundo Orlandi (2015) a AD está no entremeio da Linguagem, História e Ideologia. A história desnaturaliza os acontecimentos e fenômenos sociais, os coloca dentro de contextos nos quais são necessários considerar suas dimensões espaciais, políticas, culturais, simbólicas, econômicas, dentre muitas outras.

Apresentamos neste texto a análise discursiva da questão de número 16 da prova de Geografia do ano de 2003 da segunda fase do vestibular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, que trata do clima da Região Nordeste do Brasil. Vale ressaltar que este trabalho faz parte de uma ampla pesquisa de doutorado, cujo objetivo geral é compreender o papel discursivo das imagens nas questões de Geografia do vestibular da UNICAMP.

Para a presente análise utilizou-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S), um livro didático de Geografia e uma matéria da página “Brasil escola” do *website* do Universo *Online* – UOL e o Manual do Estudante para o vestibular. A ideia do clima como fenômeno natural circula por todos os documentos citados, o que demonstra consonância entre discursos sobre o clima.

A análise utilizou como referência contribuições de Pêcheux (2008), Possenti (2009), Orlandi (2015) dentre outros. Em Geografia e suas relações com a Natureza, Santos (1972) e para problematizar o clichê, Deleuze (2007).

O texto a seguir discute na primeira seção a Análise do Discurso e o discurso como sua principal unidade de estudo, na segunda, reflete sobre a geografia e suas relações com a natureza e o clima, e na terceira, a análise da questão do vestibular.

O Discurso

O termo discurso é de uso corrente no cotidiano das pessoas, utilizado, basicamente, para designar uma fala, uma intenção. Evidentemente, para os autores e pesquisadores da AD, o discurso é definido de forma mais complexa, mas não se nega o uso comum do termo, talvez ao contrário, se utiliza de fragmentos desse uso comum, afinal é na língua que o discurso ganha materialidade (POSSENTI, 2009; ORLANDI, 2015).

A língua é a principal materialidade do discurso, mas não é a única, se pensarmos na linguagem como um sistema mais amplo, complexo e incompleto, podemos alargar o seu conceito e pensar que a materialidade se constitui de várias formas de linguagem, como, por exemplo, fotografias, gráficos, pinturas, músicas, danças, ou seja, uma série de linguagens não-verbais, que não deixam de ser carregadas de discursividades em suas manifestações materiais. O que estamos propondo aqui é que a linguagem seja considerada em sua dimensão verbal (falada e escrita) e não-verbal (gráficos, pinturas, figuras, fotografias, mapas, desenhos, arquitetura).

Para Possenti (2009, p. 16), o discurso é um tipo de sentido, “um efeito de sentido, uma posição, uma ideologia – que se materializa na língua, embora não mantenha uma relação biunívoca com recursos de expressão da língua”. Ou seja, é através do texto falado, escrito e imagético que a discursividade toma forma, conteúdo e posição. As textualizações materializam discursos que são produzidos a partir de formações discursivas distintas. Os efeitos de sentidos produzidos mantêm relação com a posição do sujeito (locutor e ouvinte) e às condições de produção do próprio discurso.

Todo discurso é produzido a partir de certa posição (social, política, econômica, religiosa, dentre outras), e está associado a determinada formação discursiva e ideológica. Esta é uma

relação de mão-dupla: posição do sujeito e formação discursiva, uma é constitutiva da outra. Nos exames vestibulares, essa relação ideológica-discursiva se reproduz pela memória discursiva. O professor elaborador mobiliza sua memória discursiva no momento em que formula questões e o mesmo ocorre com o candidato, no momento em que lê a prova. De acordo com Pêcheux (2015, p. 50) “a memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador”.

Nesse sentido, Orlandi (2015, p. 13-14) esclarece que a AD não trabalha a linguagem como sistema abstrato, mas com a língua enquanto materialidade simbólica, “com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.” Considerar a materialidade simbólica do discurso, implica considerar a memória discursiva que é construída pelas diversas formas de discurso. Noção importante, sobretudo, quando se trata das questões concernentes ao clima e a vegetação da Região Nordeste do Brasil. Existe uma representação simbólica hegemônica que caracteriza esta região.

Pêcheux (2015, p. 52) explica que

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem reestabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível.

A memória discursiva se estabelece e se impõe pela sua ausência, ou seja, é o que já está lá, faz parte da nossa memória, mas só acessamos quando somos afetados por alguma necessidade, a memória discursiva é, também, uma construção histórica-social.

Clima, Geografia e vestibular

O clima é dos conteúdos mais relevantes dentro do escopo dos conhecimentos geográficos. Embora, a Climatologia seja uma área específica que estuda os fenômenos climáticos, o clima se apresenta como conteúdo para além da Geografia, sendo tratado em áreas tais como: Biologia, Meteorologia, Oceanografia, Geociências, Ciências da Saúde, Arquitetura e Urbanismo, Engenharia Civil, entre outras. Logo, o tema em questão e seus fenômenos correlatos fazem parte de uma rede de conhecimentos interdisciplinares.

O clima constitui conhecimento básico da Geografia escolar e científica, e está presente nos currículos do ensino básico (fundamental e médio) e no ensino universitário. Isso justifica sua presença nos livros didáticos e nos (PCN's) de Geografia. Se é aceita a definição de que a Geografia é a relação entre sociedade e natureza, o clima corrobora com a definição própria da Geografia, uma vez que é constitutivo da natureza e dos fenômenos naturais. Para Santos (1977, p. 82), “Natureza e Espaço são sinônimos, desde que se considere a Natureza como uma natureza transformada, uma Segunda Natureza, como Marx a chamou”. E a respeito da Geografia reflete:

Na sua Geografia, Estrabão já aconselhava a levar em consideração os atributos de um lugar que são devidos à natureza, porque, pensava ele, «são permanentes, enquanto os atributos superpostos conhecem mudanças (they are permanent, where ass the adventicus attributes undrergo chages)»; de fato, podemos hoje corrigir: os dois são destinados a mudar. Mas também, acrescenta ele, está claro que é preciso levar em conta os atributos não-

naturais que são destinados a permanecer e que transformam o trabalho (SANTOS, 1977, p. 89)

Aceitando os argumentos anteriores de que o clima é um dos temas centrais da Geografia (física, sobretudo) e que este tema circula tanto pela escola, quanto pela universidade, e que os fenômenos climáticos repercutem de forma direta na vida e no cotidiano das pessoas, tem-se aí uma importante temática de estudo.

Em uma consulta aos PCN'S observamos que o clima faz parte dos conteúdos centrais de desenvolvimento dos conceitos, procedimentos e atitudes orientados para as Ciências da Natureza, Geografia e Meio Ambiente. Segundo o documento em questão, sempre que o professor “tratar dos mecanismos do clima, vegetação, dos solos e do relevo, deverá estar comprometido com uma visão metodológica do significado de todos esses processos naturais, com suas leis específicas, com suas diferentes formas de apropriação pela sociedade” (BRASIL, 1998, p.57). Considerando este fragmento de texto é possível observar que o PCN traz uma visão mais extensa das relações do clima com a sociedade, não apenas na medida em que ele associa as duas dimensões da vida, mas, sobretudo, porque chama atenção para o significado que esses conceitos têm ou deveriam ter. Associa o clima a vegetação, ao solo e relevo, articulação presente também na questão analisada.

Para pensar o clima e seus fenômenos como conteúdo de ensino é preciso considerar suas escalas de ocorrência, as quais podem ser de pequena, média ou grande abrangência ou dito de outra forma, em escalas mundiais, regionais ou locais e podem, ainda, ter curta, média ou longa duração. Dessa forma:

[...] quando se tratar de relacionar os temas e conteúdos dos fenômenos naturais e sociais e analisá-los, deve-se sempre ter o cuidado de relativizar essas temporalidades. Para explicar o papel do clima na construção do espaço geográfico, deve-se sempre lembrar que existem fenômenos que ocorrem em períodos de curta ou longa duração. Por exemplo, a distribuição dos fenômenos de precipitação atmosférica, como chuva, neve, geada, que se sucedem com as estações do ano. E aqueles de longa duração, como as grandes mudanças climáticas, com a mudança de climas úmidos para secos ou vice-versa (BRASIL, 1998, p. 57).

Por ser tema central no currículo escolar da disciplina de Geografia, é coerente que o clima, seus fenômenos, tipos e manifestações, também façam parte do conjunto de conteúdos exigidos nas provas de ingresso às universidades brasileiras. Desse modo, as provas de ingresso a UNICAMP, não fogem a essa regra. Na figura 1 tem-se a lista de conteúdos, publicados no Manual do Estudante para o vestibular 2017, no qual é possível ver que os fenômenos climáticos aparecem em, pelo menos, em três conjuntos de conteúdos.

GEOGRAFIA

As questões envolvendo a disciplina de Geografia do Vestibular Unicamp procuram avaliar em que medida o candidato tem uma visão integrada na abordagem da natureza e da sociedade, dado que o espaço geográfico é fruto desta interação. A visão global da realidade, considerada importante, não deverá comprometer o conhecimento de seus aspectos mais específicos, que podem explicar as diferenciações regionais ou locais. Para tanto, espera-se que o candidato seja capaz de compreender a espacialização dos fenômenos a partir da interpretação de textos, gráficos, tabelas, cartogramas e mapas, ou seja, que revele capacidade para utilizar os instrumentos de que a geografia dispõe para compreender e interpretar o mundo.

Programa

- Projeções Cartográficas • Fuso Horário • Escala • Cartografia e novas tecnologias (sensoriamento remoto) • Dinâmicas geológica, geomorfológica e pedológica • Dinâmica atmosférica, a zonalidade climática e os tipos de tempo associados • Oceanos e mares • Domínios morfoclimáticos • Bacias hidrográficas • Domínios da vegetação • Recursos naturais
- Riscos ambientais • Interferência do Homem na dinâmica dos processos naturais • Áreas de risco e ocupação humana • Gestão pública dos recursos naturais • A inserção do Brasil no diálogo internacional sobre meio ambiente • As escalas de análise geográficas e sua articulação
- A organização político-territorial em escala mundial • Globalização e regionalização mundial (África, América, Ásia, Europa, Oceania) • Geopolítica e geoeconomia mundial: poder estatal, militar e econômico • Conflitos territoriais, étnicos, militares, ambientais e econômicos • Evolução das trocas internacionais e especialização do comércio internacional • Organizações multilaterais, regionais e a ONGs internacionais • A população no mundo: conceitos e evolução demográfica, movimentos populacionais e estrutura populacional • A urbanização mundial, as cidades globais e megacidades: condições de vida nas cidades e estruturação urbana • Os circuitos da produção mundial: indústria e agropecuária • Globalização financeira e produtiva e a divisão territorial do trabalho e da produção • Movimentos sociais mundiais e as populações tradicionais • A dimensão cultural na globalização • Geografia das redes: fluxos materiais e imateriais na globalização • O meio ambiente e os recursos naturais nas relações internacionais
- Apropriação, ocupação e produção territorial do Brasil: gênese, consolidação e dinâmica territorial • Conceitos-chaves: território, espaço, paisagem, região e lugar • O Brasil e sua inserção no sistema-mundo • A organização político-territorial do Brasil e políticas territoriais • Divisão regional no Brasil • A população brasileira • Economia e território: industrialização e terciarização • Produção agropecuária e questão agrária no Brasil • Urbanização e estrutura urbana: redes, hierarquias e análise intraurbana • Infraestrutura produtiva: energia, telecomunicações, transportes • Movimentos sociais no campo e nas cidades • Política externa brasileira e a inserção do Estado brasileiro em organizações supranacionais • Questão ambiental no Brasil • O homem como ser social. • A inserção em grupos sociais: família, escola, vizinhança, trabalho. • Relações e interações sociais. • Etnias; classes sociais; gênero; geração. • A população brasileira: diversidade nacional e regional. • O estrangeiro do ponto de vista sociológico. • Migração, emigração e imigração; aculturação e assimilação. • Diversidade e identidade cultural no Brasil • Cultura e comunicação de massa: música, televisão, internet, cinema, artes, literatura. • Desenvolvimento, mercado de trabalho, emprego e renda • Divisão social do trabalho. • Processo de trabalho e relações de trabalho. • Transformações no mundo do trabalho. • Emprego e desemprego na atualidade. • Segregação socioespacial e violência no Brasil • Violências simbólicas, físicas e psicológicas. • Reprodução da violência e da desigualdade social. • Razões para a violência. • Sociedade no Brasil: cidadania e democracia • Direitos civis, direitos políticos, direitos sociais e direitos humanos. • Formas de participação popular na história do Brasil. • Movimentos sociais contemporâneos • Estado e governo. • Sistemas de governo. • Organização dos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. • Eleições e partidos políticos.

Figura 1 – Lista de conteúdos para o vestibular UNICAMP 2017. Fonte:
<http://www.comvest.unicamp.br/>

A UNICAMP tem sistema próprio de seleção dos estudantes para ingresso na instituição, gerido por um órgão atrelado a Pró-reitoria de Graduação, o qual é responsável pela condução do processo, desde sua organização, elaboração das questões das provas, correção, avaliação e análise estatística do vestibular anual. As provas elaboradas pela COMVEST (Comissão Permanente de Vestibulares da UNICAMP) abrangem diversas áreas do conhecimento escolar, como Geografia, História, Física, Química, Língua inglesa, Matemática, Língua e Literatura Portuguesas, Redação e Biologia. Essas provas são elaboradas por equipes de professores dos institutos em que cada área está alocada. Por exemplo, as provas de Geografia são elaboradas por professores deste curso. Portanto, são docentes universitários que pensam e formulamos exames a serem realizados pelos estudantes das escolas básicas de diversos estados brasileiros. Em levantamento estatístico das provas de Geografia de segunda fase da UNICAMP, entre os anos de 1987 a 2016, o clima foi identificado como sendo o tema de maior prevalência nas questões que continham imagens.

Discurso sobre clima no Nordeste

Devido à relevância do tema e das diferentes possibilidades de aprendizagem que seu estudo possibilita propomos a análise discursiva de uma das questões da segunda fase do referido vestibular, a partir dos aportes fornecidos pelo referencial teórico da AD.

Na figura 2 apresentamos uma das questões do vestibular da UNICAMP que tem o clima como tema principal. A referida questão fez parte do caderno de provas de Geografia de segunda fase do vestibular¹ do ano de 2003. Observa-se uma questão clássica dos livros didáticos de Geografia. Esta apresenta a imagem de um climograma. É importante explicar que esse tipo de representação é um gráfico que apresenta os níveis de temperatura e pluviosidade de uma determinada área e/ou de uma cidade, por exemplo. É a partir do cruzamento dos dados de temperatura e pluviosidade e das suas distribuições ao longo de um ano, de janeiro a dezembro, que é possível identificar os tipos de clima ou a sua predominância.

A imagem da figura 2 apresenta a distribuição de temperatura e chuva ao longo de um ano na cidade de Barra, no Estado da Bahia. Esta cidade não é a mais conhecida do estado em nível nacional, mas se o vestibulando considerar o território baiano e se lembrar da sua localização em relação os paralelos (Linha do Equador, por exemplo), terá noção, mesmo de modo superficial da temperatura local. Embora, ao contrário do que é apresentado no climograma da cidade de Barra, existem cidades baianas com médias de temperatura em torno de 20°C, como em Vitória da Conquista no sudoeste e 19.1°C, em Piatã na chapada Diamantina².

Mas, a ideia que prevalece no imaginário coletivo é o clichê de que na Bahia as temperaturas são sempre elevadas. Se a questão fosse uma “pegadinha” essa informação não seria importante para responder ao enunciado. O climograma da cidade de Barra fornecido na questão, ao contrário, corrobora com a ideia cristalizada, uma vez que pode-se observar no rodapé do gráfico a informação de que a média de temperatura anual é 26,2° (ver figura 2).

¹ Todas as questões da segunda fase do vestibular da UNICAMP de 2013 estão disponíveis em: <http://www.comvest.unicamp.br/>

² Dados do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos – INEMA. Disponível em <http://www.inema.ba.gov.br/>. Acesso em 05 de dezembro de 2016.

Mas, como deslizar, problematizar ou questionar imagens clichês? Para Deleuze existe uma possibilidade de desviar desse tipo de imagem, fazendo

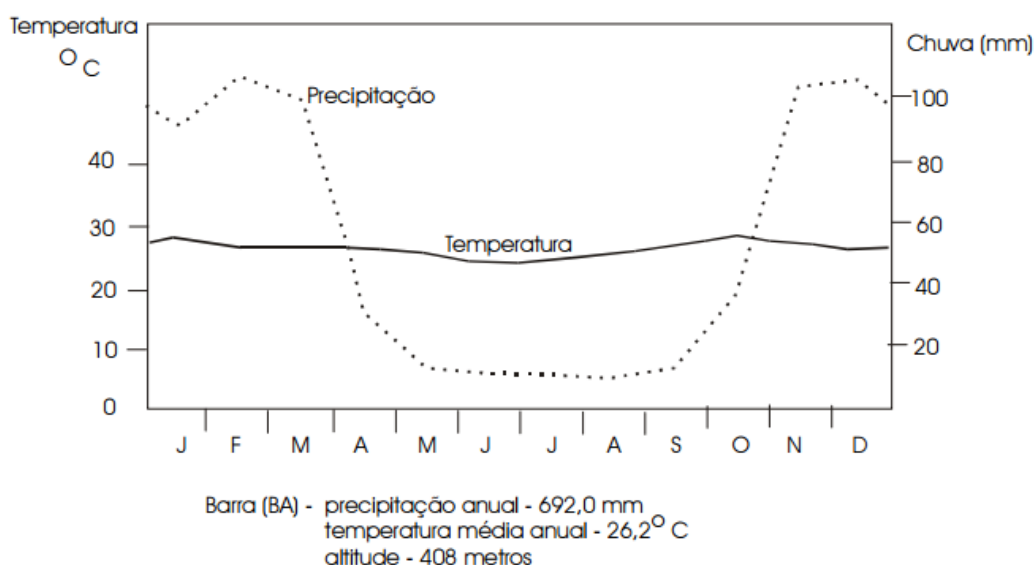
rapidamente ‘marcas livres’ no interior da imagem pintada para destruir a figuração nascente e dar uma chance à Figura, que é o próprio improvável. Essas marcas são acidentais, ‘ao acaso’; mas vê-se que a mesma palavra acaso de modo algum designa probabilidades, designa agora um tipo de escolha ou de ação sem probabilidade. Pode se dizer que essas marcas não são representativas, justamente porque dependem do ato ao acaso e nada exprimem que se refira à imagem visual: elas só dizem respeito à mão do pintor. Mas, por isso só servem para serem utilizadas, reutilizadas pela mão do pintor, que vai se servir delas para extrair a imagem visual do clichê nascente, para se desvencilhar da ilustração e da narração nascente. (DELEUZE, 2007, p. 97-98).

Para Deleuze é preciso fazer furos na imagem clichê para que outras possibilidades apareçam. O problema não estaria então no clichê, mas em outras possibilidades de apresentação que ele sombreia, apaga e silencia, estabilizando uma ordem já previamente estabelecida como única verdade. Pesando assim, quais outras possíveis imagens poderiam compor o cenário climático da Região Nordeste do Brasil?

Segundo o climograma da questão 16 a temperatura não varia muito, já a pluviosidade sim, apresentando uma irregular distribuição de chuvas ao longo do ano. Com picos de pluviosidade no verão e escassez no inverno. A fonte do gráfico apresentado na questão fornece uma outra pista para sua leitura. Essa fonte indica: “Climatologia da Região Nordeste do Brasil”, ou seja, há um recorte espacial e climatológico, pois se trata do clima da Região Nordeste do Brasil, na qual a Bahia está inserida. Os elaboradores utilizaram uma conceituada revista como fonte do gráfico: a Revista Brasileira de Geografia. Porém, um detalhe chama a atenção, essa publicação é de 1972. Aqui cabe a seguinte pergunta: por que uma prova de 2003, usaria um climograma de 1972?

O climograma da questão 16 reforça o clichê construído da Região Nordeste, que é caracterizado (por mídias diversas: revistas, jornais, tv e pela arte, música, literatura e pelos livros didáticos de Geografia) por um clima semiárido e com vegetação de caatinga. Essa é a imagem colada ao Nordeste. Mas quantos Nordestes cabem num mesmo Nordeste? E quantas imagens podem ser decorrentes desses Nordestes? Quantos tipos climáticos são possíveis identificar nesta região que é tão extensa do ponto de vista espacial?

16. O gráfico abaixo retrata a distribuição das temperaturas e precipitações médias mensais de Barra (BA).



Fonte: E. Nimer. "Climatologia da Região Nordeste do Brasil: introdução à climatologia dinâmica". *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, IBGE, 34(2), 1972, p.46.

- Qual é o tipo climático representado e sua principal área de ocorrência?
- Descreva os principais aspectos térmicos e pluviométricos do tipo climático representado.
- Qual é a formação vegetal que aparece associada a este tipo climático?

Figura 2 – Questão 16 da prova de Geografia da 2ª fase do ano de 2003 da UNICAMP. Fonte: http://www.comvest.unicamp.br/vest_antteriores/2003/download/fisgeo.pdf

Como é possível ver na imagem da figura 2 o climograma apresenta variações de temperatura e precipitação. No rodapé do gráfico há a indicação da cidade, sua precipitação, temperatura e altitude. Mesmo que o vestibulando não soubesse qual a localização da cidade de Barra, a fonte já sinaliza de que recorte espacial a questão trata. Embora, o gráfico ajude a pensar sobre que tipo climático o item "a" solicita, em função da grande diferença de precipitação e baixa variação de temperatura, item "b", a informação que define a questão está na fonte da representação imagética, visto que já existe uma ideia pré-estabelecida de qual tipo climático caracteriza a Região Nordeste. Dessa forma, qualquer cidade do Nordeste teria a mesma resposta: clima semiárido!

A respeito dos tipos climáticos do nordeste o *website* de buscas *Google* indica 319.000 mil resultados. No primeiro (ver figura 3), aparecem os três tipos: tropical, semiárido e equatorial úmido, à direita uma imagem que provavelmente deve caracterizar a vegetação da região nordeste: terra seca e cinzenta, quase branca, árvores espaçadas, de caules finos e secos e alguns mandacarus.

São identificados três **tipos** de climas ao longo da região **Nordeste**: tropical, semiárido e equatorial úmido. Clima tropical: ocorre principalmente no sul da Bahia, centro do Maranhão e no litoral de todos os estados da região. Esse **tipo** de clima apresenta duas estações bem definidas, sendo uma seca e uma chuvosa.



[Clima e vegetação do Nordeste. Aspectos naturais do Nordeste ...
brasilecola.uol.com.br/brasil/o-clima-vegetacao-nordeste.htm](http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-clima-vegetacao-nordeste.htm)

Figura 3 – Tipos climáticos do Nordeste. Fonte: www.google.com.br

Em consulta a primeira página que aparece no buscador do *google* sobre tipos climáticos do Nordeste (figura 3), observamos que é uma matéria do *website* do UOL assinada pelo geógrafo Eduardo de Freitas. A matéria está na seção “Brasil escola” e tem como título “Clima e vegetação do Nordeste”. Ela traz informações que nos fazem refletir sobre possíveis sentidos que são produzidos em função da memória discursiva construída sobre a Região Nordeste do Brasil.

GEOGRAFIA DO BRASIL

CLIMA E VEGETAÇÃO DO NORDESTE

A seca é um dos principais fatores que marcam a região Nordeste do Brasil

A **região Nordeste** é caracterizada pela seca, provocada por diversos fatores, dentre eles, a localização geográfica. A região está localizada na zona intertropical da Terra, portanto, por causa da quantidade de luz que incide na superfície do local, a temperatura é muito elevada durante o ano todo. Nessa região, as chuvas não são bem distribuídas no decorrer do ano. São identificados três tipos de climas ao longo da região Nordeste: tropical, semiárido e equatorial úmido.

Figura 4 – Matéria sobre Clima e Vegetação do Nordeste. Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-clima-vegetacao-nordeste.htm>

O autor informa já no início da matéria que a Região Nordeste é caracterizada pela **seca**. Essa é a primeira marca importante de uma memória discursiva que está colada a Região Nordeste. No desenvolvimento do texto o autor se utiliza de argumentos relacionados à eventos físicos que seriam responsáveis pela seca nessa região brasileira, tais como: a **localização geográfica**, a quantidade de luz, a **temperatura** e a **má distribuição das chuvas**, todos esses condicionantes também se constituem em marcas de uma memória discursiva que eclipsa eventos sociais e políticos que podem ser apontados como fatores que também contribuem

para o surgimento da seca. As questões sociais, políticas e econômicas são silenciadas. Não há sequer um indício no texto que possibilite relacionar características climáticas às ações sociais ou o efeito do clima na sociedade ou vice-versa. Nunes (2015, p. 8) explica que ao analisar “a construção discursiva do sentido e funcionamento dos implícitos, Pierre Achard mostra que a memória não pode ser provada, não pode ser deduzida de um *corpus*, mas ela só trabalha ao ser reenquadrada por formulações no discurso concreto em que nos encontramos”. Isso quer dizer que a memória discursiva só faz sentido, ou só opera sentidos na medida em que é inserida dentro de um contexto sócio-histórico, portanto, discursivo.

Freitas dá continuidade ao texto classificando a Região Nordeste em três tipos climáticos: tropical, semiárido e equatorial úmido. No texto não há qualquer referência a autores da Geografia e/ou da Climatologia. O que denota que existe uma estabilidade do sentido oferecido ao clima.

Freitas confirma uma regularidade também identificada nas provas elaboradas pela COMVEST, a associação dos tipos climáticos ou do clima à vegetação. Embora, o referido autor associe a seca a Região Nordeste para classificar a vegetação, ele explica que a cobertura vegetal da região apresenta várias configurações e classifica a vegetação de acordo a localização geográfica. Por exemplo,

Ao longo das áreas **litorâneas**, são encontrados **mangues**, vegetação de **dunas** etc. Em locais que ocorre o clima tropical, como no centro-oeste da região, é encontrado o **Cerrado**. Nas regiões onde prevalece o clima semiárido encontra-se a **Caatinga**. No extremo oeste da região Nordeste, onde o clima é o equatorial, a vegetação encontrada é a floresta **Amazônica**, além da ocorrência de **Mata dos Cocais** (FREITAS, 2016).

Dessa forma, existe uma variedade de vegetação na Região Nordeste (figura 5), com paisagens que variam desde a caatinga até a floresta amazônica. Embora não esteja explícito, não esteja dito de forma direta, se existe diversos tipos de vegetação com características tão diferentes entre elas é porque existe também uma variação climática que propicie essas mudanças de tipos de vegetação.

Clima semiárido: abrange especialmente a região central do Nordeste, onde as temperaturas são elevadas durante o ano todo, as chuvas são irregulares e há ocorrência de prolongada estiagem.

Clima equatorial úmido: é identificado em uma restrita área da região localizada a oeste do Maranhão, que sofre influência do clima equatorial, com temperaturas elevadas e chuvas abundantes.

Quanto à cobertura vegetal, a região apresenta várias configurações. Ao longo das áreas litorâneas, são encontrados mangues, vegetação de dunas etc. Em locais que ocorre o clima tropical, como no centro-oeste da região, é encontrado o Cerrado. Nas regiões onde prevalece o clima semiárido encontra-se a Caatinga. No extremo oeste da região Nordeste, onde o clima é o equatorial, a vegetação encontrada é a floresta Amazônica, além da ocorrência de Mata dos Cocais.

Por Eduardo de Freitas
Graduado em Geografia

Figura 5 – Matéria sobre Clima e Vegetação do Nordeste. Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-clima-vegetacao-nordeste.htm>

Já o livro didático de Ensino Médio “Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização”, escrito por Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira, no capítulo intitulado “Cobertura Vegetal”, traz o climograma da cidade de Barra na Bahia. Vale dizer que essa é a mesma cidade do climograma da questão em análise e a imagem utilizada no livro coincide com a apresentada pela matéria do site do UOL, como mostra a figura 6, abaixo. As imagens são coincidentes justamente porque são imagens clichês, imagens que se repetem, que instituem um lugar-comum, estabelecido, normatizado, repetido. De acordo com Deleuze (2007, p. 42) “a sensação é o contrário do fácil e do lugar-comum, do clichê, mas também do ‘sensacional’, do espontâneo etc.” Dessa forma, é preciso mexer com esse lugar-comum, deslizar o clichê para outros espaços-tempos, abrir possibilidades.

COBERTURA VEGETAL

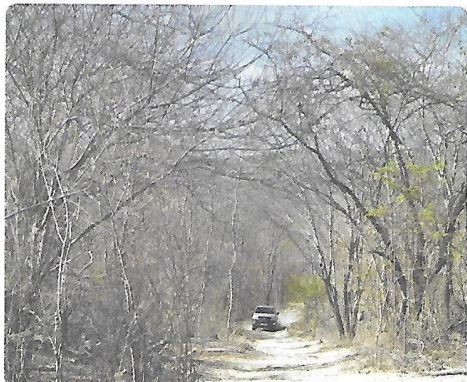
No mundo há climas secos, úmidos e alternadamente úmidos e secos ao longo do ano, que interagem com climas quentes, frios e alternadamente quentes e frios. Esses diferentes climas interferem na cobertura vegetal, definindo a altura das plantas, a forma das folhas, a espessura dos caules, a fisionomia geral da vegetação, etc. Eles servem de base para a seguinte classificação de plantas:

- **perenes** (do latim *perenne*, 'perpétuo, imperecível'): plantas que apresentam folhas durante o ano todo;



▲ Interior da Mata Atlântica em Ribeirão Grande (SP), em 2010.

- **caducifólias, decíduas** (do latim *deciduus*, 'que cai, caduco') ou **estacionais**: plantas que perdem as folhas em épocas muito frias ou secas do ano;



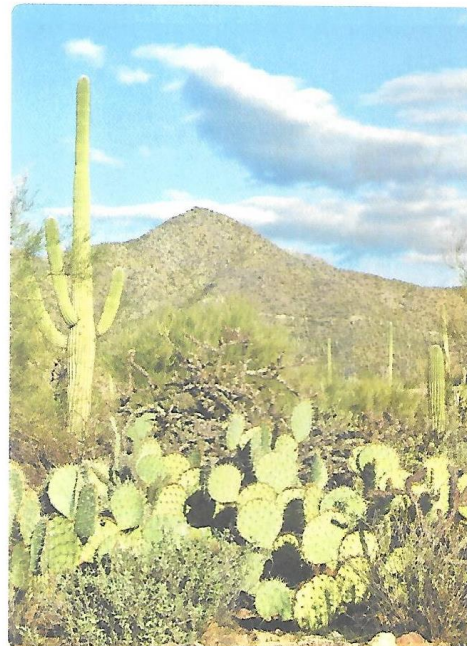
▲ Cerrado na estação seca, no município de Barra (BA), em 2011.

- **esclerófilas** (do grego *sklerós*, 'duro, seco, difícil'): plantas com folhas duras, que têm consistência de couro (coriáceas);



▲ Hala, planta de clima tropical. Austrália, 2009.

- **xerófilas** (do grego *xêrós*, 'seco, descarnado, magro'): plantas adaptadas à aridez;



▲ Cactos no deserto do Arizona (Estados Unidos), em 2007.

Figura 6 – Vegetação da cidade de Barra, Bahia. Fonte: Geografia Geral e do Brasil de Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira.

Na figura 6 a vegetação de Barra aparece como cerrado, na legenda os autores indicam que aquela é a vegetação durante o período da estação seca. Na imagem a terra é seca, cinza e empoeirada, sentido produzido pela presença do carro na estrada de terra. A terra é tão cinza que quase embranquece. As árvores estão muito secas, os galhos se sobressaem formando um túnel de galhos secos. Teoricamente, a imagem presente no livro didático da cidade de Barra responde a ao terceiro item da questão da prova da Unicamp. No item “c)” a seguinte pergunta: “ Qual é a formação vegetal que aparece associada a este tipo climático?” No livro

didático Barra é caracterizada como Cerrado, no caderno de respostas do vestibular da Unicamp é caracterizada como caatinga. Podemos inferir a partir disso que existe uma memória discursiva hegemônica e, por isso mesmo predominante a respeito do clima e da vegetação da Região Nordeste do Brasil.

A respeito da relação imagem-texto Orlandi (2001, p. 40) pondera que “a convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno”. Dessa forma, a imagem não é considerada uma linguagem alternativa, pelo contrário, inserida no universo simbólico é produtora de sentidos, tanto quanto o texto escrito ou falado.

A imagem de Barra, presente no livro didático, em relação às outras coberturas vegetais da mesma página chama atenção pela cor cinza, pela aridez do solo, pelas árvores secas, o sentido de lugar inóspito, desconfortável e com certa feiura predomina.

Considerações finais

As informações, conteúdos e temas sobre clima circulam por diversos meios digitais, impressos, televisivos, enfim, circulam por diversas mídias, assim também acontece com as áreas do conhecimento, clima é um tema que transita por várias áreas desde a Climatologia, às Ciências da Saúde. Em Geografia (escolar e científica), o clima aparece como temática central, tanto no ensino fundamental e médio, quanto no ensino universitário, isso se reflete nas provas de seleção para o ingresso à universidade.

Na UNICAMP, o clima faz parte do programa de conteúdos que os vestibulandos precisam estudar para fazer as provas de ingresso à universidade. Nos interessou aqui o discurso produzido sobre o clima do Nordeste em uma das questões do vestibular da referida instituição.

É possível inferir através da análise realizada a partir da questão de segunda fase do vestibular da UNICAMP do ano de 2003 e da sua articulação com os PCN's, com o livro didático de Geografia e a matéria da internet que as informações sobre o clima do Nordeste do Brasil, têm certa estabilidade de sentidos coletivos. E ao se comparar o clima e a vegetação da Região Nordeste essa estabilidade é novamente confirmada. Faz parte da memória discursiva que o clima do Nordeste é apenas e tão somente semiárido e que a sua vegetação se caracteriza pela caatinga. Mas, o que se questiona é: quais são as implicações e armadilhas de caracterizar uma Região tão grande e tão diversa do ponto de vista climático e das formações vegetais apenas por um tipo de clima e de vegetação?

Entendemos que o clima semiárido cubra parte importante da Região Nordeste do Brasil, mas argumentamos que existem outros tipos climáticos que também constituem este espaço, mas que são sombreados pela força dos discursos construídos sobre a aridez nordestina. Nesse sentido, as contribuições de Pêcheux nos indicam que a memória discursiva é também uma construção social que estabelece e se reestabelece pela força do tempo, da história e das linguagens.

Agradecimentos e apoios

Agradecemos a Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Trad. Roberto Machado et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FREITAS, Eduardo de. "Clima e vegetação do Nordeste"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-clima-vegetacao-nordeste.htm>>. Acesso em 05 de dezembro de 2016.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Pontes Editores, Campinas, São Paulo, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e Leitura**. 6. ed. Cortez Editora. Campinas, São Paulo, 2001.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (org.). **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M.; C. FUCHS. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In HAK, Françoise G. T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Trad. Bethania S. Mariani. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Milton. Sociedade e Espaço: A Formação Social como Teoria e como Método. Boletim Paulista de Geografia. Associação dos geógrafos brasileiros, AGB-São Paulo. Número 54. 1977. Disponível em <http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/sociedade-e-espaco-a-formacao-social-como-teoria-e-com-metodo_MiltonSantos_1977.pdf>. Acesso em 06.01.2017.

SENE, Eustáquio de.; MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2013.